



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Três Mundos, interação linguística e ensino de Filosofia. Um possível direcionamento a partir de Karl Raimund Popper.

Por: Antônio Carlos Persegueiro³
antonio_carlus@gmail.com

Resumo

A epistemologia de Karl Raimund Popper (1902-1994) apresenta, no âmbito dos *três mundos*, a emergência de uma sólida relação estabelecida entre instâncias dotadas de, à primeira vista, distinção; todavia, as quais se conectam e, com efeito, tornam-se dependentes e complementares. O texto oferece uma breve caracterização do *mundo 3*, *mundo 2* e *mundo 1* seguida da interação linguística, aspecto resultante da união entre os referidos. Apresenta a necessidade de, ao serem estudados, os *três mundos* estarem associados à dita interação, visto ser impossível concebê-los de maneira adversa. Por conseguinte, fundamentado na conexão supracitada, intenta direcionar, entre os elementos tipicamente popperianos, *objetividade*, *falseabilidade* e *crítica racional* a ensino de Filosofia. Para nortear tais propósitos, buscar-se-á investigar a seguinte questão: observada a concomitância entre os *três mundos*, da qual resulta a interação linguística, como aplicá-la ao ensino de Filosofia? Na tentativa de resposta, privilegiar-se-á a ininterrupta autoformação aliada à prática docente, atividades a serem melhoradas no que toca, primeiramente, ao Licenciado.

Palavras-chave: Três Mundos; Interação linguística; Ensino de Filosofia; Popper.

Resumo

La epistemologia de Karl R. Popper (1902-1994) prezentas, en la kunteksto de la tri

3 É mestre em Filosofia Moderna e Contemporânea pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, especialista em Filosofia e Sociologia: diálogo interdisciplinar pela Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, graduado e licenciado pela Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO. É servidor público estadual, docente do Departamento de Filosofia, lotado no campus da Universidade Estadual do Centro-Oeste UNICENTRO, na cidade de Guarapuava/ PR, é servidor público estadual, docente de Filosofia, junto a Secretaria de Estado da Educação do Paraná – SEED/ PR. É pesquisador, desenvolvendo o Projeto de Pesquisa sobre As funções da linguagem sob a perspectiva evolucionária popperiana. É autor dos fascículos “A importância das Humanidades na formação do indivíduo” (2011) e “As implicações éticas existentes entre indivíduo, exercício profissional e sociedade” (2009).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Mondoj, ŝprucas de solida rilato kiu establita inter instancoj havigis kun, unuavido, distingo; tamen, ĝi konektas kaj, en efekto, fariĝi dependaj kaj komplementaj. La teksto provizas mallongan priskribon de la Mondo 3, Mondo 2 kaj Mondo 1, sekvita de lingva interago, rezultanta de aspektoj de la kuniĝo inter ĝi. La teksto montras la neceso de, al esti studitaj, la tri Mondoj estas asociitaj al dirita interago, pro tio, unufoje ke neblas elpensi ĝin adverse. Tial, surbaze de la supre konekto, tio teksto intencas direkti, inter elementoj tipe popperianaj, kiel: objektivcon, falsantece kaj racia kritiko al Filozofa instruado. Por gvidi tiujn intencojn, serĉiĝos enketi tielan demandon: observita samtempecon de la tri Mondoj, kiuj rezultoj em la lingva interaga, kiel apliki ĝin al la Filozofa instruado? Provante respondi tio, privilegiĝos la seninterrompa memtrejnado kombinita kun instruada praktiko, agadoj por plibonigi rilate, unue, gradecanto.

Ŝlosilvortoj: *Tri Mondoj; Lingva interago; Instruado de Filozofio; Popper.*

Considerações Iniciais.

Na epistemologia popperiana emergem os *três mundos*, alternativa explicativa adversa a dualismos, oposições e dicotomias. Tais elementos, por sua vez, portam íntima dependência e complementaridade, das quais desponta a interação linguística, foco deste texto. Não obstante, mesmo sendo um tema pouco explorado em relação à cosmologia, indeterminismo, *falseabilidade* e *crítica racional*, entre outros, cumpre registrar que a linguagem permeia várias passagens. Destas, selecionar-se-ão algumas cujo teor constate a dita interação, ora visualizada na relação firmada entre *mundo 1*, dos objetos materiais, *mundo 2*, dos estados mentais ou de consciência e *mundo 3*, dos conteúdos lógicos.

À diferença de tantos filósofos, correntes e escolas, Popper não compreende o *mundo* de maneira fenomênica, idealista ou materialista; mas realista! Conecta-o, explicitamente, à cosmologia grega, sobretudo aos préstimos



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

dos Pré-Socráticos⁴. Na verdade, o filósofo a reconsidera e assimila enquanto (1972, p. 535) “[...] *o problema de compreender o mundo – inclusive nós próprios e nosso conhecimento como parte do mundo*”. Quer dizer, exceto a gradação extensiva desses conceitos, a qual indica maior amplitude do *cosmos* em relação ao *mundo*, extrai-se que ambos estão lado a lado, merecendo, com efeito, a devida atenção. E, em hipótese de isso não ocorrer, será difícil observar a presente tripartição, depreendendo-lhe a interação linguística originada da multilateralidade dos *mundos*.

Com efeito, impelido à averiguação e melhor entendimento do *mundo*, juntamente com tantas questões caras ao indivíduo, inclusive a interação linguística, Popper (1988, p. 43) sustenta que “o *mundo*, como nós o conhecemos, é muito complexo, e embora possa possuir aspectos estruturais que são simples, em algum sentido ou outro, a simplicidade de algumas de nossas *teorias* [...] não implica a simplicidade intrínseca do mundo.” Em outros termos, o filósofo enseja perpassar a obviedade, como também lançar-se à análise de componentes até então incompreensíveis e, sob o prisma linguístico, indecifráveis e intraduzíveis. Também acentua a importância de reconsiderar, *falsear* e aprimorar *teorias*, ou seja, enunciações objetivas provenientes de exaustivos estudos os quais, dada a envergadura, convertem-se, portanto, em problemas filosóficos e científicos.

Desse modo, imerso na investigação sobre o *mundo* tripartido, Popper incrementa-lhe o pontilhamento e a conseqüente abertura relacional, indispensáveis a este todo. Tais traços favorecem a interação linguística, haja vista que a mesma resulta da coexistência entre os *três mundos*. Pressupondo-a, buscar-

4. Para maior aprofundamento, dada a delimitação deste Artigo, é preciso consultar *O mundo de Parmênides. Ensaio sobre a Ilustração Pré-Socrática*, disponível, até o momento, nas versões inglesa e espanhola.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

se-á, então, analisar a seguinte indagação: De que forma a concomitância entre os *três mundos*, resultante da interação linguística, poderá ser aplicada ao ensino de Filosofia? No intuito de respondê-la, apresentar-se-á a relação entre *mundo 3*, *mundo 2* e *mundo 1* permeada pela interação linguística. Logo após, selecionar-se-ão *objetividade*, *falseabilidade* e *crítica racional*, elementos conexos ao *mundo 3*, e direcioná-los-ão ao ensino de Filosofia. Espera-se, por meio desta aplicação, fomentar e defender a centralidade teórica, relativa à autoformação e atuação docente, manifesta, via de regra, na prática de ensino e demais atividades a ela inerentes.

Relação e interação linguística entre *mundo 3*, *mundo 2* e *mundo 1*.

Em Popper, os *três mundos* são instâncias relacionais e igualmente dispostas. Neles figuram distintos e dependentes elementos, entre os quais, o *conhecimento objetivo*, pertencente ao *mundo 3*. Mesmo coexistindo e se integrando à materialidade e os estados mentais, o *conhecimento objetivo*, composto por inúmeros conteúdos lógicos, porta um diferencial: a autonomia oriunda do *mundo 3*. Tal peculiaridade constitui-se, ao lado do valor permanente, na elevação dos ditos conteúdos. Até porque há a oscilação dos estados subjetivos, como também, a limitação comum aos objetos materiais, ou seja, a incapacidade de, sem a ação da mente, aceder à sua própria condição. Nesse sentido, é impossível, alicerçado em Popper, pensar qualquer um dos *mundos* de forma isolada, tampouco autossuficiente. Em contrapartida, é preciso concebê-los em estrita conexão.

Assim procedendo, quando observado o *mundo 3*, extrai-se a correspondência do *conhecimento objetivo* ao substrato de vivências transmitidas



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

através de textos – sejam em línguas não-vernáculos ou vernáculos –, símbolos, obras de arte, demais registros e *teorias* expressas sob linguagens histórico-naturais e artificiais. E ainda, o *conhecimento objetivo* diz respeito ao crescente acúmulo intelectual, de permanente importância, atualidade e sentido, indissociável do indivíduo e da humanidade. É, para Popper (1975, p. 78), o “[...] conteúdo lógico de nossas teorias, conjecturas, suposições (e, se preferirmos, do conteúdo lógico de nosso código genético).” O mencionado remete, por sua vez, a uma dimensão refratária, responsável pelo armazenamento de dados, cada vez mais enriquecidos, os quais foram (e são), enfim, elaborados ao longo de distintos e conturbados períodos históricos.

E, após detectado, seja em atividades filosóficas, científicas, artísticas – e durante a transmissão de conteúdos escolares e não escolares, – somente através do *conhecimento objetivo* é que se realizam as mais variadas discussões. Afinal, toda e qualquer atividade, uma vez norteada por tal modalidade epistêmica, obterá, por excelência, a centralidade no diálogo. Aliás, a interlocução efetuada sob a égide do *conhecimento objetivo* engloba a sadia manifestação de concordâncias e discordâncias sem que prevaleçam convicções, inclinações, pseudoafirmações e pronunciamentos os quais lhes são adversos. Frente à presente demarcação entre objetivo e subjetivo, Popper (1977, p. 191) declara: “[...] *pensamentos no sentido de conteúdos*, ou enunciados em si mesmos, e *pensamentos no sentido de processos mentais* pertencem a dois ‘mundos’ inteiramente diversos.” Assimilada esta distinção, infere-se que o *conhecimento objetivo* reclama a existência do *mundo 3*, permitindo que, a partir do teor lógico, sejam derivadas outras perspectivas à explicação de dado assunto, sobretudo se o mesmo for explicitado em linguagem científica, a saber, munido de centralidade teórica.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Por conseguinte, proporcionada a transmissão ora em voga, cumpre lembrar que o *mundo 3*, concebido na relação com o *mundo 2* e *mundo 1*, proporciona a perpetuação da cultura como um todo. Para melhor enfatizá-la, Popper (2002, p. 40) afirma que não apenas os aspectos físico-biológicos são apresentados às futuras gerações, mas, no âmbito dos *três mundos*, “[...] os produtos da arquitetura, da arte, da literatura, da música, da erudição e, mais importantes que estes, os problemas, *teorias* e discussões críticas das ciências.” Todos estes são, por assim dizer, preservados e transmitidos pelo mérito (e em razão) do *mundo 3*.

A título de enobrecer a relevância dos *três mundos*, bem como do *conhecimento objetivo*, o filósofo (1975, p. 117) evoca o exemplo, por sinal infeliz, segundo o qual,

[...] depois de ter perecido a raça humana, alguns livros ou bibliotecas possam ser encontrados por alguns sucessores nossos civilizados (não importa que sejam animais terrestres, que se hajam civilizado ou alguns visitantes do espaço exterior.) Esses livros podem ser decifrados. Podem ser aquelas tábuas de logaritmos nunca antes lidas, só para argumentar. Isso torna inteiramente claro que nem sua composição por animais pensantes nem o fato de não terem sido realmente lidos ou entendidos é coisa essencial para fazer de algo um livro, sendo suficiente que possa ser decifrado.

Realmente, apesar de catastrófico, a suposição acima traz à pauta um minucioso trabalho remontado a tempos imemoriais: a decifração de caracteres, familiares ou totalmente desconhecidos, grafados em diferentes momentos históricos. De modo particular, quando os mesmos são, tanto icônicos, quanto dígitos, incompreensíveis e intraduzíveis, urge tê-los enquanto *conhecimento objetivo*. Dessa maneira, mesmo após muito tempo dedicado à sua assimilação, poder-se-á esperar algum resultado ou, minimamente, avanço. Em todo caso,



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

independente do desmembramento linguístico, extrai-se a indissociabilidade entre *conhecimento objetivo* e linguagem, visto que, em Popper (2002, p. 59), há uma estrutura circular segundo a qual “[...] não só agimos sobre o *mundo 3*, como também este reage sobre nós.” Eis, novamente, outra constatação da interação, diga-se, linguística, haja vista o fato de não existir, para o filósofo, um pensamento “puro” ou alinguístico.

Feitas essas considerações, como dá-se, então, a relação entre as ditas instâncias? Através da, em primeiro lugar, concepção tripartite de *mundo*, na qual figura a multilateralidade entre os componentes. Ao detectar a relação sob o ponto de vista do *mundo 3*, o qual, além de armazenar, unir e ampliar conteúdos lógicos, é, para Popper (2002, p. 49), “[...] tão real como o *mundo 1*, visto que, por intermédio da acção do *mundo 2*, pode agir não só sobre a nossa mente como também sobre o corpo e, deste modo, sobre o *mundo 1*.” Não obstante, embora ocorra, atualmente, o direcionamento da atenção a elementos materiais e subjetivos, Popper, ao empregar a relação entre os *três mundos*, apresenta uma alternativa teórica contrária a excessos, particularmente aqueles deste momento histórico. Assim procedendo, esclarece (1977, p. 195) que:

[...] o *mundo 1* e o *mundo 2* podem interagir, bem como o *mundo 2* e o *mundo 3*, mas que o *mundo 1* e o *mundo 3* não podem interagir diretamente, sem alguma ação intermediária exercida pelo *mundo 2*. Assim, embora somente o *mundo 2* possa atuar imediatamente sobre o *mundo 1*, o *mundo 3* pode agir sobre o *mundo 1* de maneira indireta, devido à influência que tem sobre o *mundo 2*.

Em segundo lugar, observada a relação, cumpre registrar a pertinência da interação linguística. Esta consiste na complementação e ajustamento entre os *mundos*, mediante abertura, disposição, necessidade e ânsia por se entender e fazer-se entender via linguagem. Frente a isso, atente-se ao fato de Popper não



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

confundir os dois últimos conceitos; em contrapartida, pontua a distinção, a qual está unida a uma tênue relação. Para tanto, nos *três mundos*, visualizada a correlacionalidade, faz-se obrigatória a detecção da linguagem. Caso não fosse considerada, como expressar, socializar e transmitir, objetivamente, pensamentos portadores de conhecimento, informações e aprendizagens? Na verdade, face à impossibilidade de se levantar, bem como sustentar tal conjectura, nota-se que a linguagem adquire caráter imprescindível aos *três mundos*, haja vista o trânsito entre eles constituir-se, portanto, em elo e complemento entre instâncias diferenciadas, porém, coexistentes e altamente dependentes.

Após breve exposição acerca da relação entre *mundo 3*, *mundo 2* e *mundo 1*, como também do registro atinente à *interação linguística*, voltar-se-á à seleção e conseqüente aplicação de determinados elementos epistemológicos popperianos ao ensino de Filosofia. A próxima seção enfatizará a autoformação e, de igual modo, os corriqueiros pronunciamentos efetuados pelo Docente, no intuito de torná-los fundamentados sob o ponto de vista teórico, além de demarcá-los nos campos ideológico, de crença, político-partidários e de opinião.

Objetividade, falseabilidade e crítica racional: um possível direcionamento ao ensino de Filosofia.

Para Popper, o *mundo* é tripartite, relacional e dado linguisticamente. Tal concepção é, ao que parece, favorável à aplicação escolar da Filosofia. A motivação para o presente direcionamento remonta à capacidade de interação entre os *mundos*, a importância apreendida da ação refratária e cumulativa do *conhecimento objetivo*, sempre em conexão aos estados mentais, bem como os objetos materiais. Assim sendo, do mencionado pontilhamento entre essas instâncias, desponta a condição – efetiva – de o Professor de Filosofia empregar a



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

relação aberta entre as instâncias. Nesta, destacar-se-á a perenidade dos conteúdos lógicos sobre as oscilações subjetivas e, igualmente, a insuficiência dos objetos materiais ante a compreensão do *mundo*. E ainda, a aplicação ora em voga desfaz a pseudocrença relativa à explicação total da realidade e, por extensão, dos fatos única e exclusivamente em razão da matéria.

Aliás, não somente em Popper, mas em tantas outras abordagens, o *mundo imediato* não se basta à materialidade. Até porque o mesmo constitui-se em um todo dinâmico e diversificado, formado por inúmeros elementos, entre eles, os de ordem metafísica, por exemplo. Reconhecida, então, a pertinência dos três mundos e, nestes, da interação linguística, como esta tripartição epistêmica pode ser direcionada ao ensino de Filosofia? Uma razoável e contundente resposta parte da não restrição à simplória divisão dualista do *mundo*, polarizada entre bem e mal, belo e feio, politicamente falando, direita e esquerda, dentre outros traços. Porém, longe de suprimir ou desvalorizar tais categorias, arraigadas à nossa cultura, escolas, livros e vida cotidiana, busca-se trazer à tona sua limitação, particularmente, devido a rotulagens, antecipações de juízo e, também, conivência com abordagens superficiais e tendenciosas. Em reação a tais efeitos, considera-se, portanto, a alternativa dos *três mundos* plausível, particularmente no que toca ao ensino de Filosofia.

E, uma vez assimilada a dita concepção, tem-se os *três mundos* enquanto pano de fundo, acrescidos da *objetividade*, *falseabilidade* e *crítica racional*, componentes extraídos da epistemologia popperiana. Após breves definições, serão sugeridos possíveis direcionamentos à prática desta Disciplina, reincorporada ao Ensino Médio brasileiro a custo de tantas lutas e insistências. Dessa maneira, destaca-se, primeiramente, a *objetividade*, recurso através do qual



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

se servem filósofos, cientistas e demais estudiosos, ávidos por obter e transmitir centralidade no discurso oral, em textos, análises e, também, em simulações e experimentos. De todo modo, quando empregada, a *objetividade* ocasiona, a rigor, pronunciamentos orais e escritos dotados de períodos claros e diretos, bem-vindos às cotidianas exposições e, não menos importantes, elaborações textuais, indispensáveis ao *Officium* do Licenciado em Filosofia.

Ademais, a *objetividade*, vale dizer, trata-se de uma herança kantiana refletida em Popper. A este respeito, o último não elabora uma noção de tal expressão; apenas, mediante leituras kantianas, deseja empregá-la. Conforme observado, a apropriação decorre de desvios, apelações e, até mesmo, confusões relativas à exposição de todo e qualquer assunto, prejudiciais à transparência enunciativa e, pudera, à transposição didático-conteudística. Imerso, então, na promoção da clareza, acentua Popper (1972, p. 46):

O uso que faço dos termos 'objetivo' e 'subjetivo' não difere do de Kant. Ele usava a palavra 'objetivo' para indicar que o conhecimento científico deve ser *justificável*, independentemente de capricho pessoal; uma justificação será 'objetiva' se puder, em princípio, ser submetida a prova e compreendida por todos.

Conservado o emprego em questão, o filósofo almeja demonstrar ideias, fatos, experimentos e averiguar conceitos. Visa distinguir e ordenar conhecimentos, pois, diante de crenças, inclinações e convicções excessivas, não se descarta a propensão a insistências doutrinárias e imposições! Particularmente no âmbito do conhecimento científico e, por extensão, na *Relação Professor-Aluno*, torna-se defensável o distanciamento de tendências, empatias, antipatias e impressões pessoais em detrimento à promoção de enunciados e exposições coerentes, adquirindo, então, maior validade. Com efeito, mesmo sem cunhar uma



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

noção de *objetividade*, constata-se um valioso préstimo à autoformação do futuro Licenciado: o refinamento da leitura e compreensão do *mundo*. Tal contributo ocasiona a centralidade teórica, explícita nas preleções, intervenções e produções textuais, as quais enobrecem ainda mais a atuação profissional do egresso.

Na verdade, a aplicação da *objetividade* sob bases kantianas, doravante rememorada por Popper culmina na justificação racional de enunciados, tendências, opiniões e, acima de tudo, *teorias*, fundamentais à autoformação e a posterior transmissão de conhecimentos, independentemente do nível de ensino. Consequentemente, vislumbrar-se-á a passagem de um processo educativo escolar impregnado de senso comum a uma expressiva cientifização, benéfica a todos os saberes e ciências, sobretudo aos constantes do Currículo Escolar. Tanto que, segundo Schorn (2009, p. 168), “Popper pretende filiar-se à preocupação kantiana com o conhecimento científico e fazê-la avançar, por lhe parecer, na tradição, a melhor referência racional.”

Concomitante à *objetividade*, indissociável à aquisição de habilidades atinentes ao exercício profissional do Licenciado em Filosofia, desponta o segundo aspecto evocado por este texto: a *falseabilidade*. Em Popper, esta expressão remete à *demarcação*, processo mediante o qual são estabelecidas fronteiras entre áreas; todavia, não estanques. O exemplo de maior empregabilidade explorado pelo filósofo consiste em abordar o que pode ser considerado ciência, não-ciência, metafísica e pseudociência. Sem, contudo, buscar delimitá-los, tem-se que, para Popper (1972, p. 42), “a *falseabilidade* separa duas classes de enunciados perfeitamente significativos: os *falseáveis* e os *não-falseáveis*; traça uma linha divisória no seio da linguagem dotada de significado e não em volta dela.” Não prende-se ao sentido dos enunciados; mas permanece ao seu redor, imergindo *na*



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

linguagem, declarando se a asserção é ou não *falseável*, além de sinalizar o valor das mesmas, sem distinção.

Ademais, o critério em questão detecta incoerências, reclamando ajustes. Para Popper (s/d, p. 68), urge “[...] traçar uma linha (da melhor maneira possível) entre as afirmações, ou sistemas de afirmações, das ciências empíricas e todas as outras afirmações, de caráter religioso, metafísico ou simplesmente pseudocientífico.” Isso ocorre em razão de auferir, mediante exame delimitativo, o que, até o momento, tem-se como verdadeiro ou, quem sabe, pelo menos verossímil. É preciso, porém, reconhecer a impossibilidade de *falsear* todas as asserções. Afinal, nem todos os enunciados podem ser a ela submetidos, tal qual uma lei natural, por exemplo. Por outro lado, quando posto à averiguação e *falseamento*, o conjunto de enunciados – desde as mais simples frases – mostra-se depurado, o que reduz, e muito, a propensão de erros.

Por conseguinte, há que se perguntar: Se a *falseabilidade* auxilia na correção e posterior ajustamento de sentenças, como empregá-lá o ensino de Filosofia? Como sabido, no Ensino Médio, há a alternância entre exposição e exercícios, sejam eles mensurados à média trimestral ou não. É indicado, por meio de rigorosa seleção de textos, dirigidos ao público-alvo, aplicarem-se Exercícios que envolvam a análise de mídias, redações opinativas e simulações nas quais a *falseabilidade* entre em cena, ou seja, discursos nos quais ela possa ser, explicitamente, aplicada, à moda de uma ferramenta sempre à disposição.

Dessa forma, ante situações ou conceitos até então confusos, o Discente poderá, aos poucos, exercer um melhor papel quando detecções de inverdades e inadequações à mensagem do texto ou outro tipo de discurso acontecerem. Antes disso, na própria leitura do texto-base, preferencialmente intercalada entre os



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

alunos, o Docente deve conduzir e, se necessário for, interromper a sequência, explicitando incoerências, contradições e demais erros existentes. Portanto, sobretudo em atividades de leitura, bem como na conceção de Exercícios e Provas, a *falseabilidade* figurará como, diga-se, um recurso não apenas metodológico, mas de análise, presente ao intelecto do alunato. Resta, a título de apresentação básica, o Docente, ao abordar Eixos Estruturantes (Lógica, Teoria do Conhecimento, Filosofia da Ciência e, em tópicos de Filosofia Política), impelir o público-alvo à dita investigação. Ante a emergente necessidade, justifica-se o emprego da *falseabilidade*, predominantemente racional. Isso contribuirá, portanto, ao melhoramento da interpretação de textos e discursos, o que perpassará a esfera da Disciplina de Filosofia e cumprirá o papel de aprimorar habilidades plausíveis às demais áreas do saber, respectivamente.

Em terceiro lugar, elege-se a *crítica racional*, outro elemento herdado de Kant. A propósito, para o filósofo prussiano (2010, p. 05), esta consiste na “faculdade da razão em geral, com respeito a todos os conhecimentos a que pode aspirar, *independentemente de toda a experiência* [...].” Engloba o entendimento puro e a experiência sensível, os quais, uma vez concebidos de forma integrada, permitem assimilar a *crítica* como uma das capacidades intrínsecas à razão. Mais tarde, na recepção popperiana, reconhece-se a *crítica racional* como sinônima de filosofia.

Análoga à *falseabilidade*, a *crítica racional* também dirige-se a constantes exercícios, alguns no âmbito intelectual e, outros, com o foco nos conteúdos escolares. Frente a isso, assimilar-se-á a *crítica racional* enquanto constituinte do conhecimento científico, não podendo ser-lhe excluída⁵. Assim

5. Enquanto o filósofo prussiano efetua a *crítica* da razão, Popper a entende como o acurado exame acerca de um assunto a ser elevado à categoria de problema, demandando, portanto, averiguação.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

procedendo, a função, por excelência, atribuída à *crítica racional* é a de contestar dogmas, pseudoafirmações e demais imposições, nocivas ao crescimento do dito conhecimento, bem como do indivíduo. Em contrapartida, dada a ocorrência de entraves à ampliação do conhecimento científico, cumpre – antes da *crítica racional* – asseverar que, conforme Porta (2007, p. 59), “[...] a única atitude filosoficamente possível diante de certas colocações confusas, vagas ou absurdas é não entendê-las.” Eis, por assim dizer, a urgência e demanda de clareza na enunciação conjugada à a *crítica racional*.

De acordo com o exposto, constatada a necessidade da clareza como aporte à *crítica racional*, como, no âmbito da influência kantiana, Popper a articula? Em primeiro lugar, para elaborar e bem conduzir a *crítica*, Popper (1972, p. 536) solicita “[...] enunciar claramente o problema e examinar, *criticamente*, as várias soluções propostas.” Isso significa elencar a questão, levantar *hipóteses* e propor alternativas de resolução, o que, historicamente, nem sempre indica êxitos. No entanto, mesmo independentemente de equacionar ou solucionar problemas, compete o constante emprego da *crítica racional*, haja vista o risco de o conhecimento científico ter a omissão da referida, o que, quando muito, mal o caracterizaria.

Mas, como aplicar adequadamente a *crítica racional*? Segundo Popper (1972, p. 536), “[...] tentar saber o que outras pessoas pensaram e disseram acerca do problema em causa: por que se viram compelidas a enfrentá-lo; como o formularam; como tentaram resolvê-lo.” Tal interpelação auxilia identificação das motivações, insucessos, erros e tentativas de resolução, mesmo no caso de a indagação possuir complexidade, por exemplo, a cosmologia. Contudo, esta persistência não sinaliza que, devido à imensurabilidade do problema, dispensar-



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

se-á a *crítica racional*. Pelo contrário, faz-se imprescindível perquiri-la.

Não obstante, Popper (1977, p. 147) assinala a importância de, no ato da *crítica racional*, almejar e, logo após, cunhar “[...] uma teoria passível de discussão, que possa ser submetida ao crivo da *crítica racional*; preferentemente uma teoria passível de prova, não uma teoria que se limite a apelar para nossas intuições subjetivas.” Evoca-se, novamente, a *objetividade*, pois, em torno dela, a análise ou debate podem ser, no plano da *hipótese* em discussão, efetuados ordenadamente. Porém, caso prevaleça a subjetividade e seus caprichos, Popper (1972, p. 537), em tom sarcástico, afirma que “[...] a discussão racional se encerrará, embora cada um de nós possa prosseguir alegremente, falando consigo mesmo.”

Para evitar afirmações irrefletidas, bem como posicionamentos ingênuos, o que difere de modéstia e humildade, Popper resgata as origens da *crítica racional*. Segundo ele, constitui-se em aspecto indispensável à própria origem da Ciência ocidental, aqui compreendida em estrita união com a Filosofia. Conforme Popper (s/d, p. 80),

A ciência começa, portanto, com os mitos e a crítica dos mitos; não se origina numa coleção de observações ou na invenção de experimentos, mas sim na discussão crítica dos mitos, das técnicas e práticas mágicas. A tradição científica se distingue da tradição pré-científica por apresentar dois estratos; como esta última, ela lega suas teorias, mas lega também com elas, uma atitude crítica com relação a essas teorias. As teorias são transferidas não como dogmas, mas acompanhadas por um desafio para que sejam discutidas e se possível aperfeiçoadas.

Assim, a *crítica* é, conforme Popper, a instância adequada ao surgimento, crescimento e constante consolidação da ciência, forma de conhecimento elevada; porém, que não deve ser entendida como superior às demais, sendo, na verdade, um prolongamento daquilo que se origina na esfera do



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

senso comum. Portanto, sem a ação da *crítica*, certamente a supracitada não ocuparia o status a partir do qual as pessoas estão acostumadas a visualizá-la atualmente. Por outro lado, a possibilidade de despertar não somente atenção, mas sensibilidade, bom senso e questionamento ante injustiças, imposições e ações deploráveis permaneceria em um nível alarmante.

Tanto para o ensino de Filosofia como para o âmbito da vida como um todo torna-se ainda mais visível a ação da *crítica racional*. Até porque na incessante adaptação humana ao mundo físico-biológico, desponta a intersecção firmada com o *mundo 3*, incluindo o arcabouço teórico acumulado em milhões de anos. Esta riqueza porta, segundo Popper, a condição de, após diversas intempéries ou deploráveis intervenções humanas, auxiliar até mesmo em prováveis recomeços da civilização. Desse modo, alicerçada no *conhecimento objetivo*, a *crítica racional* é vislumbrada como o recurso indicado à testabilidade de proposições, ocasionando o melhoramento do saber cuja externalização se dá na linguagem.

Considerações Finais.

A tentativa de apresentar recortes atinentes à relação entre os *três mundos* e, em decorrência do êxito da mesma, focar-lhe a interação linguística para, em seguida, direcionar os elementos da *objetividade*, *falseabilidade* e *crítica racional* ao ensino de Filosofia não se mostra simples, bem como de fácil implementação. A princípio, explicitar a abertura relacional dada através do pontilhamento entre os *mundos*, os quais constituem, cada um integrado aos demais, o *todo*, equivale ao recurso didático empregado por Popper ao longo de uma profícua trajetória intelectual. A este respeito, a correlacionalidade entre



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

mundo 3, *mundo 2* e *mundo 1* indica a limitação explicativa de alternativas dualistas e dicotômicas de entendimento do dito mundo.

Após definir as respectivas instâncias, o texto sustentou a impossibilidade de concebê-las separadamente. E por quê? Ora, pelo fato de Popper ser um filósofo realista. Nesta postura, selecionar um dentre os *mundos* sinaliza abandonar a opção ora estudada. Foi colocada em questão aprender com a interação linguística dos *três mundos*. Nesta, emerge a importância da clareza, pois, embora tenhamos sensações, subjetividade e influência da materialidade, Popper enaltece os conteúdos lógicos de pensamento, muitas vezes subjugados. Deles, via *mundo 3*, por sinal *linguístico*, derivar-se-ão condições de entendimento, tradução e decifração de inúmeras realidades, dependendo do interesse do indivíduo. Vale dizer, apesar de não se preocupar, momentaneamente, com elementos provenientes da Filosofia, Ciências, Arte, Religiões, Música e demais formas de produção de conhecimento humano, Popper defende a atenção atribuída ao *mundo 3*, receptáculo cada vez mais enriquecido por todo o arcabouço cultural, sem nenhuma discriminação ou preconceito.

Quando respondido o problema norteador deste recorte, verificou-se que, para aplicar a contento os *três mundos* e a interação linguística ao ensino de Filosofia, é preciso envolvimento do Professor, pois, embora trabalhado na maioria das Graduações, talvez os elementos popperianos supracitados não despertem interesse relativo ao direcionamento ora apresentado. Não obstante, em caso de insucesso atestado na resolução de Exercícios, Trabalhos e Provas, far-se-á imprescindível a revisão do preparo, exposição e, de igual modo, a forma como as atividades foram montadas ou compostas. Certamente, após esta reflexão, os frutos ou consequências serão melhores.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Em concomitância à estrutura tripartite do *mundo*, uma das inovações epistemológicas popperianas, julga-se razoável, senão promissor, investir na exposição acerca da dependência e complementação entre os referidos. Ao mesmo tempo, para favorecer as correções de enunciados, revisão de conteúdos dele provenientes, bem como o ajustamento de construções confusas, outrora detectadas pelos discentes sob a consuação do Professor, reclama-se a consideração da *objetividade*, *falseabilidade* e *crítica racional*. Unido-as aos *três mundos* e, logo após, aos problemas circundantes ou indiretos pelos quais passamos na atualidade, deferir-se-á o elevado valor de tais préstimos conjugados à transmissão da Filosofia ao público adolescente e juvenil. Este, após a lenta e penosa reinserção da Disciplina, mostra-se, via de regra, inclinado a tomar contato e discutir tantas indagações indeléveis à natureza humana, ao conhecimento e a vida sócio-política.

Referências.

- KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. Lisboa: Calouste, 2010.
- POPPER, Karl Raimund. **A lógica da pesquisa científica**. 16 ed. São Paulo: Cultrix, 1972.
- _____. **Autobiografia intelectual**. São Paulo: Cultrix/EPU, 1977.
- _____. **Conhecimento objetivo**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975.
- _____. **Conjecturas e refutações**. Brasília: UnB, s/d.
- _____. **The open universe: an argument for indeterminism**. 3 ed. London: Routledge, 1988.
- _____. **O conhecimento e o problema corpo-mente**. Lisboa: 70, 2002.
- PORTA, Mario Ariel González. **A filosofia a partir de seus problemas**. 3 ed. São Paulo: Loyola, 2007.
- SCHORN, Remi. “Da filosofia do conhecimento de Kant à filosofia da ciência de Popper” In: **Tempo de Ciência. Revista de Ciências Humanas e Sociais**. Vol. 16. No. 32, segundo semestre/2009. Págs. 161-173.